

# FRANZ KAFKA E A BUROCRACIA WEBERIANA

Alexandre Ricardo Lobo de Sousa  
Doutorando em Literatura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Bolsista CNPq

Resumo: O que faz a obra de Franz Kafka ser realista é a expressividade de situações da vida real que, se não fossem contextualizáveis, seriam absurdas. Kafka viveu os horrores de uma guerra com características inéditas como a destruição em massa por meio de novas tecnologias e a centralização do Estado alemão, comandado pelo Kaiser Guilherme II e principal protagonista dessa guerra. Para o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), o Estado Moderno, ao centralizar-se, necessita de um aparato burocrático para manter-se e exercer seu poder. A burocracia, quando excessiva, acaba não sendo funcional pela própria especialização de tarefas. É o que vivenciam os personagens de Franz Kafka em *O Castelo* e *O processo*.

Palavras-chave: Narrativa alemã moderna. Franz Kafka – Narrativa. Burocracia weberiana – Tema literário. Estado moderno – Tema literário.

Resumé: Qu'est-ce que l'œuvre de Franz Kafka faire être réaliste est l'expressivité des situations réelles qui, si ce n'est contextualizáveis serait absurde. Kafka a vécu les horreurs de la guerre sans précédents de la destruction massive pour moyen de l'utilisation de la technologie et la centralisation, dirigé par l'empereur Guillaume II et le principal protagoniste dans cette guerre. Pour le sociologue allemand Max Weber (1864-1920), l'État moderne, le centre lui-même, vous avez besoin d'une bureaucratie de se maintenir et d'exercer leur pouvoir. La bureaucratie, lorsqu'elle est excessive, ce n'est pas seulement pour leur propre spécialisation fonctionnelle des tâches. Il est les personnages de *Le Château* et *Le procès*.

Mots-clés: Narrative allemande moderne. Franz Kafka – Narrative. Bureaucratie weberiane – Thème Littéraire. État modern – Thème Littéraire.

Franz Kafka (1883-1924) e Max Weber (1863-1920) viveram em uma mesma Europa do fim da *Belle Époque* e da Paz Armada. Estados europeus experimentavam o desenvolvimento cultural e artístico ao mesmo tempo em que se preparavam para uma guerra de disputa por territórios fornecedores de matéria prima e mercado consumidor. Na Alemanha de Guilherme II, herdeira da unificação germânica do Kaiser Guilherme I e seu primeiro ministro Otto Von Bismarck, e no Império Austro-Húngaro, Weber e Kafka produziam suas obras. É essa contemporaneidade que permite uma aproximação por meio de um conceito, a burocracia. O escritor alemão preocupou-se com esta de forma sociológica, mas o escritor tcheco, de mesma formação, o Direito, expressou-a literariamente.

Max Weber entendia que o processo de burocratização era resultado da necessidade de um Estado manter e garantir o controle sobre um território. Esse processo de burocratização tornou-se necessário na era moderna. Houve desde o mundo antigo Estados burocráticos, como o Império Romano ou mesmo o Império Persa, mas foi na Era Moderna que ele se tornou predominante. Na Idade Média, as tarefas de Estado eram delegadas aos nobres ligados ao rei, mas, com a centralização de poder, surgiu a figura do funcionário, o burocrata, remunerado a serviço do soberano. Quanto mais extenso o domínio, maior a necessidade de burocracia. Trata-se da organização racional de tarefas, tal como uma empresa nos moldes fordista, mas com o diferencial de não ser produtiva e estar a serviço do poder político e não do econômico, como seria o caso da divisão de tarefas na indústria. O objetivo de ambas as organizações de trabalho são economia de tempo, material e eficácia na execução de tarefas.

Tudo em uma burocracia ocorre por meio de protocolos. Papeis, processos e departamentos com funções especializadas são mais numerosos conforme o Estado se expande e necessita do controle e da funcionalidade desta própria expansão. Esse controle deve garantir que a cobrança de impostos, aplicações de sentenças na esfera do judiciário, ou a atuação policial e militar tenham um centro de coordenação. Assim, funcionários, profissionais especializados, representantes do Estado, mas não membros do governo, levam a burocracia por toda a extensão do domínio Estatal. Em determinado momento, tão grande ficou essa estrutura burocrática, ela se torna independente do poder que a criou, ganha uma autonomia que pode até mesmo boicotar as decisões da autoridade. Exemplifica-nos Weber o caso do Czar que decretou o fim da servidão na Rússia, mas sem conseguir êxito (WEBER, 1982, p. 270). A burocracia não respeitou tal abolição e, desta forma, ela não ocorreu de imediato como previa o decreto. O Estado tornou-se dependente da máquina burocrática.

O excesso de racionalidade tornou-se irracional. Se a ciência aparentava ser completamente benéfica nos séculos XVII e XIX, já no início do século XX mostrava-se também maléfica. Na Primeira Guerra Mundial, máquinas de morte voadoras, metralhadoras e armas químicas, frutos da ciência e da racionalidade ocidental, causavam um certo desencanto da Modernidade. Em Herbert Marcuse, lemos: “A

Racionalidade tecnológica revela seu caráter político ao se tornar o grande veículo de melhor dominação” (1967, p. 37). Para este autor, termos como progresso e razão devem ser analisados com a questão: “Para quem?”. Não sendo neutros, são correspondentes a fins específicos. O progresso é relativo a apenas uma parte da história e aplicável apenas para classes específicas. O progresso técnico e racional da moderna sociedade industrial tem servido mais para a dominação, para a padronização e controle dos indivíduos por meio da racionalização e também pela massificação da cultura. A alienação neste processo consiste em desnaturalizar o ser humano ao moldar-lhes o objeto de desejo via propaganda. Benjamin via o desenvolvimento do progresso técnico nas artes como um princípio alienante, a reprodutividade dos bens culturais, a indústria cultural separando o artista de sua obra. Descontextualizada, fora de sua tradição, a reprodução perde a significação do original.

Com o processo de burocratização não é diferente, a funcionalidade da especialização pode levar à dependência excessiva de números protocolares, papéis, assinaturas de funcionários autorizados e, como consequência, ao emperramento da própria funcionalidade. Um procedimento de estado para com seus cidadãos, ou um procedimento do cidadão, tendo em vista o uso de um benefício concedido pelo Estado, pode esbarrar ou mesmo perder-se em meio a tantas etapas, que só podem ocorrer via protocolo, para sua execução. Além de transformar-se em um poder dentro da estrutura de poder, a burocracia também cria uma dependência em relação a certos funcionários altamente especializados: se por um lado, todos são substituíveis, conforme o recrutamento, por outro, a ausência de um funcionário especializado em determinada função pode atrasar um determinado processo.

Em algumas obras de Kafka tudo passa pela burocracia. Em *O castelo* (1922/26), o protagonista tem sua vida dependendo dos trâmites da burocracia do Castelo e de seus funcionários. Em *O processo* (1914/1925), como o próprio nome sugere, a vida do personagem principal prende-se a um processo e termina por meio deste. Walter Benjamin entendia que essa estrutura imponente poderia significar o poder do pai, a autoridade repressora e castigadora que na, visão da criança, o ser reprimido, parece estar em todos os lugares, vendo tudo e pronta para reprimir (BENJANIN, 2011, p. 140). Por outro lado, pensando no conceito de superego freudiano, a repressão aos

impulsos por parte dos pais como forma de incorporação das regras sociais, podemos unir a interpretação de Benjamin à ideia da burocracia ser parte do Estado Alemão unificado: Bismarck prometia tal unificação com “mãos de ferro” ou mesmo o próprio Estado do Império Austro-húngaro poderia funcionar como o poder proibitivo. O princípio repressor expresso no pai, cumprindo sua função de interiorizar a sociedade, poderia ser também uma marca da estrutura burocrática de um Estado Autoritário que funcionaria por um corpo de funcionários com hierarquia e papéis definidos.

No mundo kafkiano, a realidade externa mostra-se imponente. Uma imensa estrutura, que pode passar a ideia de máquina – a máquina burocrática – altamente hierarquizada, controlando e definindo a vida das pessoas. Em *O castelo*, o agrimensor K. foi chamado para trabalhar em uma aldeia de um condado. Sua vida passou a girar em torno da tentativa de esclarecer um aparente equívoco, a aldeia não necessitava de um medidor de terras e tal pedido havia ocorrido há anos. Em *O processo*, Josef K. transforma sua vida por causa de um processo que nem mesmo tem uma acusação explícita. Não há uma origem, um acusador ou uma culpa original expressa, apenas um processo tramitando nas estruturas burocráticas, ainda que nas instâncias inferiores desta.

A burocracia fazia parte da vida do próprio Kafka. Se, por um lado, tudo que não fosse literatura lhe cansava, por outro, trabalhou no Instituto do Seguro Operário para Acidentes de Trabalho, instituição criada pelo Império Austro-húngaro. Sobre os trabalhadores que procuravam tal instituição, observa: “Como são humildes! Vem nos apresentar requerimentos... Ao invés de tomarem a casa de assalto e levarem tudo, eles vem nos apresentar requerimentos” (apud KONDER, 1979. p. 34). Provavelmente ele se referia a transformação dos operários acidentados em fichas e requerimentos que muitas vezes não eram atendidos.

Em *O processo*, tudo parece um organismo burocrático, um corpo vivo. Tudo pertence ou funciona para a estrutura. A justiça, a religião e mesmo a arte estão ligadas, todos destes setores são funcionários – com suas funções específicas – desta máquina. Em *O Castelo*, até mesmo a educação faz parte dos domínios dos senhores do Castelo, todos são funcionários e aquele que estiver fora do sistema sofrerá a rejeição dos demais, tal como ocorreu com a família de Barnabás, o mensageiro. É importante lembrar que o

cargo deste personagem só foi criado para a função de estabelecer o contato dentre K. e o Castelo. Nada funciona que não se relacione com o Castelo, embora esse seja inacessível para a maior parte da população do povoado.

Essa máquina burocrática estabelece rigorosamente papéis e entre estes seus níveis na escala social. Alguns burocratas estão no topo da pirâmide enquanto a grande maioria está na base. Embora o importante mesmo seja o cargo, não o indivíduo que o ocupa, aquele que está em destaque é inatingível. Klamm, embora pareça ser onisciente e onipresente, não é: “Klamm está exatamente por toda a parte, aqui, aqui há demasiada presença de Klamm” (KAFKA, [s.d.], p. 112) diz Frieda, noiva de K, ao ser indagada por este se sentia falta de Klamm (ele é apenas um dos nobres do Castelo, e não é nem mesmo o mais importante). Este é visto pelos habitantes do povoado, mas os outros nobres não. K, em *O processo*, tem um advogado que não tem acesso aos juízes superiores. Os tribunais estão divididos em instâncias de importância. É o pintor dos juízes do Tribunal que fala a K: “Os juízes inferiores, aos quais pertencem meus conhecidos, não tem o direito de absolver definitivamente, esse direito é reservado ao tribunal superior, que é totalmente inalcançável para mim, para o senhor e para todos nós” (KAFKA, [s.d.], p. 112). Nem mesmo o advogado de Josef K. tem acesso aos tribunais superiores, pois, mesmo entre os advogados, há uma hierarquia.

Embora onisciente ou onipresente, a estrutura burocrática, justamente pelo tamanho e pelo excesso de racionalismo, de funcional torna-se desfuncional. Em *O castelo*, a convocação do agrimensor havia ocorrido anos antes e mesmo o memorando desta convocação havia sido perdido em meio a inúmeros outros. Em *O processo*, por sua vez, os juízes do tribunal, em primeira seção, não sabiam nem mesmo quem ou o que era o acusado: “Pois bem [...] o senhor é pintor de parede?” (KAFKA, 2008, p. 57), pergunta o juiz a K na primeira audiência. A própria convocação para a sessão havia sido sem o informe do local onde ocorreria.

Mesmo sendo absurda a forma de funcionamento da estrutura burocrática, com exceção dos protagonistas, todos os personagens kafkianos adaptam-se ao mundo imponente dos requerimentos e memorandos dos processos e papéis, que muitas vezes não dizem nada, como constata Josef K ao examinar os cadernos de anotações dos juízes. A estrutura é

passível até mesmo de corrupção. Os primeiros vigias no início de *O processo* informam ao herói de sua detenção. Estes são a base do sistema repressivo da máquina burocrática, e, por isso, significam também a instância menos valorizada desta, por isso estão sempre prontos a comerem a refeição de seus vigiados. Este ato é uma quebra de protocolo, por isso vão ser castigados, não pelo ato ilegal em si, mas mais pelo caráter exemplar de vir a público, pois Josef o denunciou na primeira audiência. Dentro de uma repartição em que trabalha K, os vigias são torturados. O protagonista tenta em vão defendê-los. Eles são apenas parte e vítimas da mesma estrutura que processava Josef.

A salvação dos personagens consiste em entregar-se ao processo de alienação aceitando sem questionar a máquina burocrática. Aleatoriamente, ela escolhe suas vítimas para demonstrar sua força. A família de Barnabás necessitava que este se tornasse mensageiro de Klamm, para recuperar um pouco de sua dignidade. Frieda tem um cargo invejável de servir a este senhor do Castelo. Mesmo que a minoria de nobres e funcionários ignore e evite contato com a população do povoado, são venerados. Em *O processo*, o comerciante Block, arruinado por um processo semelhante ao de Josef, mesmo com mais de um advogado, humilha-se como um cão ante o mesmo advogado do protagonista. Block representa o medo da e a sujeição à estrutura burocrática. Seu processo não tem fim, toda a sua vida passou a ser a dedicação para o adiamento da sentença, para isso gastou tempo e dinheiro. Gregor Samsa, de *A metamorfose* (1915), de tão submisso ao sistema, abriu mão de sua vida pessoal pela manutenção da família, acordando certa manhã como um inseto. O próprio Josef K, quando desiste de resistir ao seu processo, é condenado e morre como um cão, como o diz um de seus executores. A máquina burocrática desumaniza, torna os seres ou partes de uma grande engrenagem ou apenas folhas de um processo.

Frente a um mundo que transforma pessoas em números, é necessário, para Kafka, na leitura de Leandro Konder, resistir e, até mesmo, em caso extremo, transformar-se em um inseto, deixar de ser funcional. O argumento de Konder refere-se ao conto *A toca* e à parábola *Diante da lei*. No conto, uma lontra enlouquece ao esperar a vinda de algo que a destruiria, porém, tudo poderia ser apenas fruto de sua imaginação. Já na parábola, a questão não seria tanto quem enganava quem, se o camponês enganava o vigia ou era o contrário. O importante, para Konder, é que a porta estava aberta ao camponês para que

este a passasse, embora formalmente isso não fosse permitido. A lei, como proibição é mostra de um poder arbitrário, deveria ser subvertida Essa é uma das leituras possíveis sobre a obra kafkiana. Kafka deixou grande parte de sua obra inconclusa. Toda a obra literária é aberta, como nos diz Umberto Eco, mas em Kafka o “agravante” é esta ser inconclusa e fragmentada. Mas é importante lembrar que esta obra foi escrita no contexto do pré-guerra e no decorrer da própria Primeira Guerra Mundial. Tal guerra foi diferente das demais pela questão da rapidez da produção da morte e da possibilidade de se matar a distância, reduzindo o efeito psicológico. Um dos resultados desta guerra foi uma Alemanha destruída e endividada com o Tratado de Versalhes, abrindo espaço para o crescimento do Estado Totalitário nazista, que transformaria pessoas em objetos passíveis de serem exterminados. Judeus, ciganos, comunistas, homossexuais, doentes mentais estavam sujeitos a um destino kafkiano, absurdo sem nenhuma lógica aparente. E este Estado Totalitário só foi possível pela aceitação e sujeição da maioria da população alemã a ele. Kafka não viveu tais tempos sombrios, mas sua família foi exterminada em campos de concentração da máquina burocrática do III Reich.

O universo na literatura de Kafka é marcado pelo absurdo, processos sem precedências, homens se transformando em insetos, macacos se transformando em homens e convocações desnecessárias e atrasadas há anos. Mas esse absurdo tem sentido alegórico, o mundo representado em suas obras é um mundo possível e que, de certa forma, viria a se concretizar alguns anos depois da publicação de livros como *O processo*. O *Homo sacer* de Giorgio Agambem (aquele que pode ser morto sem que se cometa assassinato) estaria pronto a povoar campos de concentração. O Estado Totalitário nazifascista, representando a lei, que é mais importante que a justiça, tal como na condenação de Josef K.; a atrocidade de um dono de *shopping center* que preferiu fechar as portas e deixar pessoas morrerem queimadas para não saquearem seus bens, como ocorreu em agosto de 2004, no Paraguai; ou em Ruanda, hutus e tútsis em uma guerra civil por uma rivalidade criada por belgas, que empregavam o princípio maquiavélico de dividir para governar (CHOSSSUDOVSKY, 1999, p. 99), tudo isso não são exemplos de absurdos reais? E o que dizer da quantidade de recursos provenientes de Estados, como os EUA, a Rússia ou a Coreia do Norte, que são destinados ao aperfeiçoamento em armas de destruição em massa?

Hannah Arendt cita uma parábola de Kafka no prefácio de *Entre o passado e o futuro*. Trata-se de um personagem, denominado de “ele” entre duas forças, o passado e o futuro. Essas duas forças são infinitas, a primeira, sem início, e a segunda, sem fim, tornando o presente apenas um lapso do tempo. O momento presente é herdeiro do passado e está construindo o futuro. Kafka e Weber, cada um em sua forma de expressão, nos mostraram um presente que agora já é passado, o presente em que viveram de uma sociedade burocratizada e irracional pelo excesso de racionalidade. Mas esse passado ainda marca nosso presente assim como marcaremos o futuro. Cabe-nos decidir se tomamos uma medida meramente contemplativa ou enfrentamos o vigia e passemos pela Porta da Lei.

#### **Referências:**

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- ARENDDT, Hannah. Prefácio: A quebra entre o passado e o futuro. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. *A globalização da pobreza*. São Paulo: Moderna, 1999.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- KONDER, Leandro. *Kafka, vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- WEBER, Max. Burocracia. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

Recebido em 24/07/2012  
Aprovado em 01/05/2013